

Bermudes estranha fraude

CARLOTA ARAÚJO E MARION MONTEIRO

O advogado Sérgio Bermudes afirmou, ontem, de Londres, por telefone, que a família Magalhães Pinto, ex-controladora do Banco Nacional, estranhou a notícia de que as 1.635 contas encontradas teriam tido o mesmo tratamento das outras 652. "Isso revela o descompasso entre o número apurado pela Comissão de Inquérito do BC e o que veio à tona pela imprensa", afirmou.

Na sua edição de ontem, o **JORNAL DO BRASIL** revelou que as fraudes no Banco Nacional eram bem maiores do que se pensava. Curiosamente, alguns dos importantes arquivos de computadores vasculhados por uma equipe de especialistas da PF e do Serviço de Processamento de Dados do Governo Federal (Serpro) eram batizados de *marrreta do Omar*.

Omar Bruno Corrêa era auxiliar

direto do ex-vice-presidente da área de controladoria do Nacional Clarimundo Sant'Anna, o único, até agora, que já admitiu ter participado da fraude. Os dois já foram indiciados pela PF, que até agora chegou a um total de 15 prováveis envolvidos direta ou indiretamente no caso.

A equipe que investiga o caso, formada pelo Ministério Público, Receita Federal e PF, descobriu que eram 2.287 e não 652, como se suspeitava, o número de contas usadas para operar com créditos fictícios. Seus integrantes vão pedir explicações oficiais ao Banco Central para saber como o relatório da comissão de inquérito da própria instituição, que vasculhou as contas, chegou a esse número bem inferior ao que vem sendo apurado.

Sérgio Bermudes prometeu dar, nos próximos dias, a posição oficial da família sobre o novo número e adiantou que não existe qualquer

motivo para os Magalhães Pinto alterarem as declarações prestadas até agora ao BC e a Polícia Federal. "Nenhuma conta foi usada em benefício próprio, mas apenas do Banco Nacional", reafirmou.

Depoimentos — O ex-presidente do Banco Central (BC) Francisco Gros não compareceu, ontem, à Polícia Federal para depor no inquérito que apura as irregularidades no extinto Banco Nacional. Por meio de assessores, Gros informou ao delegado Galileu Rodrigues, que preside o inquérito, que se estava no exterior. Fontes da Polícia Federal (PF) estranharam, no entanto a ausência no depoimento, marcado para as 15h, pois suspeitaram que ele estivesse no país. A data do novo depoimento ainda será marcada.

Na terça-feira, outro ex-presidente do BC Fernão Bracher também não atendeu ao pedido da PF e não compareceu ao depoimento.